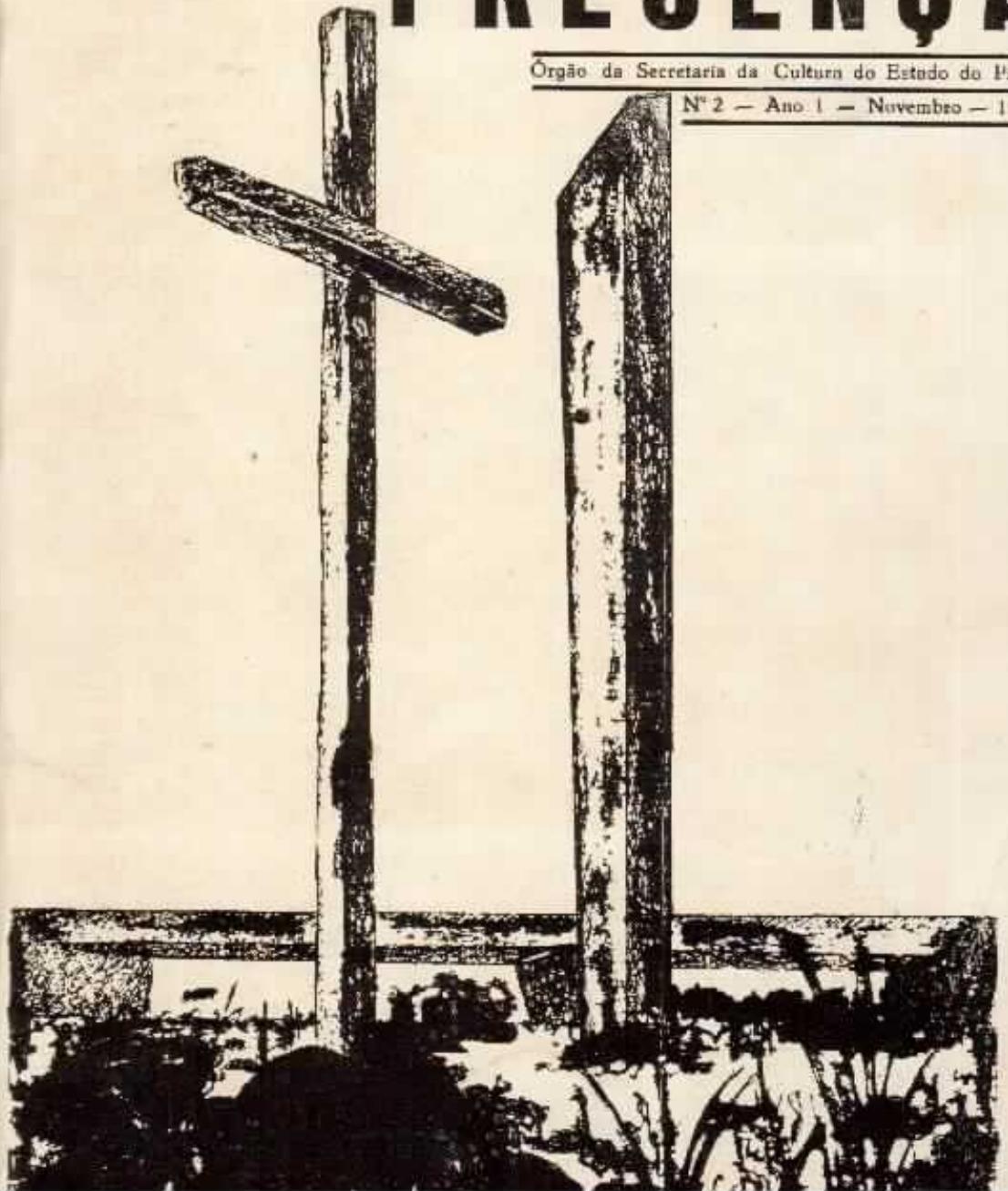


REVISTA **PRESENÇA**

Órgão da Secretaria da Cultura do Estado do Piauí

Nº 2 — Ano 1 — Novembro — 1971



PRESENÇA

Nº 2 — Ano 1 — Novembro — 1974

Órgão da Secretaria da Cultura do Estado do Piauí

Sumário

HISTÓRIA

Participação do Piauí nas Lutas da Independência/6
Participação do Piauí na Independência do Brasil/16

LITERATURA

Monsenhor Uchôa — Sacerdote e Educador/4
Especialista em Generalidade/20
Fantasias/23

FOLCLORE

Cancioneiro do Sertão/25

RUI BARBOSA

Rui e um pouco de sua vida íntima/9
Rui Barbosa e a arte/33

EDITORIAL

A Cultura como Libertação/3

NOSSA CAPA:

MONUMENTO DO JENIPAPO — Campo Maior-Pi.

CAMPO MAIOR

No cemitério de Batalhão os mortos do Jenipapo
não sofrem chuva nem sol; o telheiro os protege
asa imóvel na ruina campeira.

Carlos Drummond de Andrade

revista **presença**

A CULTURA COMO LIBERTAÇÃO

noé mendes

O Calendário Cívico Nacional registra no 5 de novembro as comemorações do DIA DA CULTURA. A escolha desta data é em homenagem a uma das expressões mais autênticas e perenes da cultura brasileira. No dia 5 de novembro de 1849 nascia na cidade de São Salvador, Bahia, o genial Rui Barbosa.

Coube à Fundação Casa Rui Barbosa, do Rio de Janeiro, organizar e promover esta data, expandindo para todo o Brasil o exemplo do maior gênio da Cultura Nacional. Pela primeira vez estamos comemorando, de maneira oficial, o Dia da Cultura. E Rui Barbosa foi eleito como centro destas comemorações. Programou-se conferências, concursos, exposições e toda uma mobilização de jovens capazes de levar a mensagem da cultura aos piauienses. É um esforço consciente, embora crivado de contingências. Não importam as dificuldades e as limitações. Necessário é não ficar esperando melhores dias ou condições mais propícias. É preciso lutar contra o marasmo cultural, contra a apatia generalizada, contra o obscurantismo. Nossa subdesenvolvimento cultural é uma realidade. Certos. O quadro é sombrio. Sim! É sombrio, mas não impenetrável à luminosidade de uma política cultural que está sendo implantada. A Secretaria da Cultura tem a missão de libertar o homem piauiense. Libertar, ajudando-o a conquistar a si mesmo, despertando, desenvolvendo e orientando suas potencialidades culturais. É um esforço para democratizar a Cultura no sentido de elevar nosso povo a um nível de desenvolvimento, a fim de que lhe seja possível participar cada vez mais dos bens da cultura. Esta integraçãoativa dos nossos valores culturais na comunidade é o que podemos chamar de dimensão comunitária da cultura: um desenvolvimento sistemático, intracional, social, científico, moral, artístico, onde se revela um sentido humano, um esforço pessoal e coletivo pela libertação de todas as formas de limitação humana.

O Dia da Cultura nos leva a esta reflexão. Os bens da cultura não são gendas indevassáveis, nem privilégio de minorias. Rui Barbosa entendendo esse problema, iluminou o Brasil inteiro com sua inteligência fulgurante. Ele soube compartilhar suas riquezas intelectuais e morais, dando-nos um exemplo vivo de engajamento na luta contra o subdesenvolvimento cultural. Esta é também, a nossa luta.

noé mendes

revista presença

MONSENHOR UCHOA
SACERDOTE E EDUCADOR

a redação

Dia 13 de setembro de 1966, aos 82 anos de idade, faleceu em Teresina Monsenhor Lindolfo Rodrigues de Sousa Uchôa, sem que instituições e poderes públicos lhe prestassem as homenagens a que fazia jus. Padre da Igreja Católica, Apostólica e Romana, ordenou-se em 1909 e passou a exercer o seu mister na terra natal — Pedro II, depois em Teresina, em seguida em Floriano, voltou a Teresina, foi designado para Barras, onde criou o patronato "Monsenhor Besson", com jurisdição espiritual nas paróquias de Batalha, Porto e Nossa Senhora dos Remédios. Posteriormente, retornou a Pedro II e de novo a Barras — e nesta última cidade, em 1935, padeceu grave e penoso acidente, que o tornou fisicamente inválida, o que o levou a residir em companhia do sobrinho ilustre, o juiz de direito e prof. Adolfo Uchôa Filho, titular de vara criminal em Teresina.

Em quase todas as nobilitantes tarefas da vida, contou com a ajuda, com o extremoso devotamento, com assistência da sobrinha dedicada e carinhosa — Dalila Ribeiro Uchôa, que o acompanhou durante 30 longos anos, até que a morte a carregou, deixando o vigário piedoso sem o calor de verdadeira afiação filial — daquela afição rara de suavidade e ternura em todos os instantes, nas vitórias como nas atribulações.

Monsenhor Uchôa mereceu os títulos de cidadão benemerito de Barras e de Porto, dos quais se orgulhava e que lhe foram conferidos por relevantes serviços.

Ministro de Deus, o grande morto de setembro deste ano guardava imensas riquezas de virtude. Dedicado ao seu trabalho religioso, volta-se sempre para a coletividade, por cuja tranquilidade zelava com a força de autoridade moral incontrastável. Era amor e bondade. Simples com todos. De cativante palestraçao. De aguda inteligência. Cultor das boas letras. Segundo orador sacro. Aprecinva a anedota espiritual, o recreio sadio. De astabilidade conquistadora até dos esquisitos. Conselheiro da melhor confiança de quantos o procuravam para a audiência de conselhos honestos e indicações corretas. Preza a palavra como ninguém. Comendido na condenação dos pecados alheios, mas possuído de ira sagrada contra as injustiças dos homens, principalmente quando por virtude delas sofriam os humildes. Intransigente nos deveres da amizade. Jamais fugiu do conforto e da solidariedade aos semelhantes. Afeiçava-se à gente das comunidades confiadas à sua grandeza espiritual. Emotivo, muita vez derramou lágrimas ao despedir-se dos paroquianos, que o veneravam como a um irmão mais velho, mais experimentado, ou como a um pai cristão e amoroso. Cumpridor do dever por qualquer custo, de atitudes corajosas em defesa da sua fé e do seu rebanho, predicator das boas causas — a quem lhe co-

abreceu a personalidade, só quem participou de seu convívio estimado, só quem teve como guia e como amigo, só quem lhe tomou as lições de caráter e dignidade, só quem se satisfez e fartou da sua generosidade, só quem pôde admirar-lhe a viveza da inteligência nas recreações das rodas de calçada — cordial, alegre, acolhedor — só aqueles que participaram da sua extraordinária simpatia, e conheceram a humildade do pastor, e os sentimentos cívicos do cidadão, e a prestatilidade do homem, e o amor e a graça que se irradiavam de sua primorosa formação humana — só aqueles que assim se científicaram de tanta grandeza darão o depoimento de que o Piauí perdeu, faz pouco tempo, um dos seus melhores filhos.

Nele sobressaía também o educador, e nessa qualidade criou e dirigiu por dez anos o Colégio «24 de Fevereiro» — famoso em Floriano, e que preparou para a vida a juventude do tempo, dando-lhe estrutura moral, religiosa e intelectual. Gratos-síma à notável obra, a Princesa do Sul nunca pôde esquecer o gesto de benemerência de Monsenhor Uchôa — e lhe reverencia a memória com o nome aureolado em rua, em estádio, em grêmio escolar, em biblioteca, em estabelecimento de ensino, elevando a majestade de um patrimônio inegotável de exemplos dignificantes.

Esse educandário representa uma das instituições mais sérias e nobres da vida intelectual piauiense — educandário que se antecipou a muitas conquistas do ensino. Ali se cultivavam atividades teatrais, educação física, instrução pré-militar, jornalismo — o que bem revela a capacidade de educador de Monsenhor Uchôa, numa época em que os estabelecimentos de ensino apenas se preocupavam com a preparação intelectual dos educandos.

Pelo colégio «24 de Fevereiro» passaram alunos que, no futuro, haveriam de projetar-se na literatura, na política, na administração, na medicina, na advocacia, no jornalismo, — nomes que ainda hoje testemunham o valioso trabalho educacional de Monsenhor Lindolfo Uchôa — nome que as gerações mais velhas idolatraram e que as mais novas devem conhecer — para que tomem consciência de uma personalidade que honrou a Igreja e a vida, para ser fiel à sua missão junto aos moços e ao final de contas junto à humanidade.

revista presença

PARTICIPAÇÃO DO PIAUÍ NAS
LUTAS DA INDEPENDÊNCIA

mons. joaquim chaves

Muito antes de 1822 começou a agitar o Piauí o ideal da independência, mormente na cidade de Oeiras e nas Vilas da Parnaíba e Campo Maior. Boletins circulavam, vez por outra, ali, incitando os brasileiros contra portugueses. Mas o podes português estava firmemente plantado, aqui, pelo Brigadeiro João José da Cunha Fidié, que tinha sob armas e disciplinadamente organizados cerca de 1.200 milicianos de infantaria e cavalaria. Para Portugal segurou o Piauí, grande fornecedor de carne para várias Províncias, seria ter nas mãos um precioso trunfo de barganha para futuras negociações.

A 19 de outubro de 1822, sem termos ainda notícia alguma do que havia acontecido nas margens do Ipiranga, levantou-se a Vila da Parnaíba, sob o comando do Coronel Simplicio Dias da Silva e do dr. João Cândido de Deus e Silva, proclamando a regência de Dom Pedro e a independência do Brasil.

Quando a notícia chegou a Oeiras, tremeu o Governo português da Província. Era preciso abafar logo o movimento da Parnaíba antes que outras Vilas seguirsem seu exemplo.

Fidié deslocou-se imediatamente para a Vila rebelada, à frente de tropa numerosa. Passando por Campo Maior reforçou a guarnição ali estacionada.

A sua aproximação, os chefes parnaibanos abandonaram a Vila e fugiram para o Ceará.

Enquanto Fidié esteve estacionado em Parnaíba, o movimento independente cresceu em Oeiras e Campo Maior.

A 24 de janeiro de 1823 foi a vez de Oeiras que se levantou sob a direção do Brigadeiro Manoel de Sousa Martins proclamando a adesão à independência.

Quase ao mesmo tempo, forças cearenses e piauienses, vindas do Ceará, invadiram o Piauí e estacionaram em Campo Maior. Foram comandadas pelos Capitães Luis Rodrigues Chaves e João da Costa Alecrim.

Tendo notícia do levante em Oeiras, Fidié abandonou Parnaíba e marchou sobre a capital.

Em Campo Maior o Capitão Rodrigues Chaves tratou de mobilizar a população civil para enfrentar Fidié na sua passagem para Oeiras. Em poucos dias conseguiu aliciar para o combate mais de 1.300 homens válidos do termo de Campo Maior. Recebeu reforços do Ceará, sob o comando dos Capitães Alexandre Neri Pereira e Manoel Chaves; de União, comandados pelo Capitão Alecrim e alguns poucos homens do Maranhão, que obedeciam ao comando do Alferes Salvador Correia de Oliveira.

O primeiro choque armado verificou-se no termo de Piracuruca. Uma Companhia de 80 cavalariãos de Fidié trocou tiros com uma força cearense de 60 homens, no dia 10 de março, nas proximidades da Lagoa do Jacaré. A gente de Fidié retirou-se deixando um prisioneiro, que foi morto pelos patriotas. Os cearenses tiveram alguma perda.

Temendo que os patriotas de Pirocuruca fossem reforçar os de Campo Maior, Fidié acelerou sua marcha sobre a Vila dos carnaúbas.

Na manhã de 13 de março, nas margens do Jenipapo, Luís Rodrigues Chaves estava a postos, com cerca de 2.000 homens, à espera dos partidários de Lisboa. Dos independentes apenas cerca de 500 cearenses eram milicianos e estavam armados de espingardas. Os outros eram civis armados de espadas, facões, chulos, machados, foice e cacetes.

A estrada, depois do rio, se bifurcava em duas. Rodrigues Chaves mandou uma patrulha ao outro lado explorar a estrada da direita. Por ela descia um pelotão da cavalaria de Fidié. Este pelotão chocou-se com a patrulha dos independentes, que abriu fogo sobre ele. Ouvindo os tiros, a tropa dos patriotas, que já estava estrategicamente colocada no leito e nas margens do rio, não standeu mais no comando: abandonou a posição defensiva e acorreu em desordem para o local dos tiros, supondo que ali já começara o combate. Fidié aproveitou-se disto para passar o grosso da sua força para o lado de cá e construir, às pressas, um campo fortificado. Quando os independentes se aperceberam do engano e voltaram, o português já os esperava nas trincheiras improvisadas, nas quais colocara seis 1.200 homens armados de granadeiras e 11 peças de artilharia. Os chefes independentes rapidamente planejaram o envolvimento do campo defensivo do inimigo. Eram 9 horas da manhã quando foi dada a ordem de avançar sobre o quadro atacando-o por todos os lados. A primeira leva de atacantes foi repelida com graves perdas. A artilharia e a fuzilaria dos partidários de Portugal varriu os campos em todas as direções. Várias cargas se sucederam sempre com insucesso. Muitos patriotas iam morrer à boca dos canhões e das granadeiras assombrando o inimigo que nunca vira tanta fúria e tanto desamor pela vida.

As 2 horas da tarde cessou o combate com a retirada dos independentes do campo de luta. Fidié estava nervoso com aquele combate tão duro para suas tropas e com a valentia dos partidários da independência. Suas perdas, apesar da proteção do terreno e do bom armamento que possuía, tinham sido graves. Mas o pior ainda estava por vir: na retirada, os patriotas

atacaram o seu trem de guerra e lhe tomaram a bagagem. Sem dinheiro e quase sem munição ele estava perdido.

Ao anotecer do dia 13 ele se aproximou de Campo Maior, mas não teve coragem de ocupar a Vila. Ficou na fazenda Tombador até o dia 15. Quando reiniciou a marcha não o fez mais na direção de Oeiras e sim para o Estanhado, na margem do Parnaíba. Ia em busca de refúgio no Maranhão onde ainda era boa a situação dos partidários da Coroa.

Lá foram cercá-lo, detrotá-lo e aprisioná-lo nossas tropas poucos meses depois.

Estava salvo o Piauí e com ele todo o norte, pois a retirada de Fidê significava a frustração do plano português de dividir o Brasil em duas partes, ficando Portugal com o norte, que se constituiria em Província ultramarina do reino lusitano.

Foi a batalha do Jenipapo que impediu a realização daquele plano e consolidou a unidade nacional ameaçada.

* * *

revista *presença*

RUI E UM POUCO DE SUA
VIDA ÍNTIMA

reginaldo nunes gronje

*Pensamento — « DOCES PLAGAS ON-
DE MINHA MÃE ME
EMBALOU O PRÉ-
MEIRO E MEUS PI-
LHOS ME VELARÃO,
TALVEZ, O ÚLTI-
MO . . . »

RUI.

NOTA BIOGRÁFICA — RUI CAETANO BARBOSA DE OLIVEIRA, nasceu em SALVADOR, capital da Bahia, no dia 5 de novembro de 1849, seus pais foram o Dr. João José Barbosa de Oliveira, (médico e grande incentivador do PARTIDO LIBERAL) e dona MARIA ADÉLIA BARBOSA DE OLIVEIRA.

Estudou no Ginásio Baiano, dirigido pelo Dr. Abílio César Borges, depois Baço de Macaíbas; estudou direito na Faculdade de Direito de Recife e depois na de São Paulo, bacharelando-se em 1870.

Foi advogado militante na Bahia e no Rio de Janeiro até morrer. Foi também jornalista durante muitos anos.

Eleito deputado provincial na Bahia em 1878, veio para o Rio em 1879 como representante de sua província na Câmara do Império. Em 1884 o Imperador concedeu-lhe o título de CONSELHEIRO.

NA REPÚBLICA foi sempre senador pela Bahia. Foi ainda Embaixador do Brasil, em missão especial por duas vezes: em 1907, na Segunda Conferência da Paz, em Haia e em 1916 nas festas do Centenário da Independência Argentina, em Buenos Aires.

Foi por quatro vezes candidato à presidência da República: a primeira candidatura verificou-se em julho de 1905, levantada pela Bahia. Renunciou em favor de AFONSO PENA. Em 1909/10 — candidata-se pela segunda vez, apoiado pelo Campanha Civilista. A terceira candidatura

foi em 26 de julho de 1913, oficializado pela Convenção Nacional, no teatro Politeama do Rio (a maior solenidade popular registrada, até hoje, na história brasileira). A quarta candidatura à Presidência, como as anteriores, contra sua vontade, perde para Epitácio Pessoa, que era seu duplo competidor, da Presidência e da PAZ EM PARIS.

Em 1921 foi eleito JUIZ DA CORTE PERMANENTE DE JUSTIÇA INTERNACIONAL EM HAIA.

Faleceu em PETRÓPOLIS, no dia 1º de março de 1923, às 8,45 da manhã, hora em que parou o relógio de parede trazido pelo mesmo de LONDRES.

Após a transcrição da Sintese biográfica do eminente brasileiro, vejamos algumas passagens de sua vida escritas pelo seu mordomo ANTÔNIO JOAQUIM DA COSTA, que as publicou por sugestão do ilustre homem público Dr. LUIS VIANA FILHO ...

Disse aquele seu modesto empregado, que RUII foi acima de tudo, humano, dedicado à família, à verdade, à justiça, à liberdade, à bondade e à gratidão, sofrendo diante da iniquidade humana e, que teve momentos felizes e infelizes, como todos nós.

Admitido ANTÔNIO como zelador da casa do Aguiar de Haia no dia da data consagrada à grande festa da Bahia, recebeu o humilde homem a nobre missão de selar os livros ou a monumental biblioteca do grande jurista, com recomendações especiais de tratá-los como às crianças, porque merecem cuidados especiais, não devendo deixá-los cair e abri-los demasiadamente.

Imbuído pois, do mais alto senso de responsabilidade, descreve o modesto homem que o conselheiro não gostava de atender pelo telefone, poém certo dia para receber a notícia do assassinato do amigo

PINHEIRO MACHADO (representante político gaúcho), o fez tremendo que não conseguiu sustentar o aparelho para conversar com o sr. CARLOS VIANA BANDEIRA, a respeito da tragédia que ocorreu no Hotel dos Estrangeiros. Recolhendo-se o mestre disse ao seu mordomo: Antônio hoje não estou para ninguém. Meia hora depois, chega um capitão da Polícia Militar com alguns soldados, para guardar a residência e a vida do ilustre homem. Este mandou-lhe dizer pelo inseparável mordomo, pedindo-lhe desculpas, que voltasse com seus soldados, porque sua consciência estava tranquila, de nada ser acusado para ser guardado por forças militares.

Merce menção especial a notável memória do excepcional jurísoconsulto, sabendo de cor os nomes de seus livros, bem como o local ou a posição em que eram guardados em sua gigantesca biblioteca, pedindo-os algumas vezes, por telefone ou por simples recados. Falava sempre, enquanto tiver memória, sei a sua prateleira e onde se acham.

RUI era madrugador, para ele, começava o dia às 4,30 horas. Levantava-se logo e, ia para o salão da biblioteca, onde estava até chegar às 6,15 horas o barbeiro RICARDO. Depois de fazer a barba, tomava o seu banho quente e às 7 horas já estava pronto para tomar o chá preto com leite e pão de provença quente, com manteiga, em companhia de dona Maria Augusta e de seu gente BATISTA PEREIRA. Nessa ocasião lia os jornais e anotava a lápis o que interessava, brincando com as netinhas.

O exemplar homem de letras tinha profunda admiração e atração pela natureza. Todas as manhãs de manhãs de SOL, descia ao jardim com sua honrada esposa, a fim de visitar as suas flores, das quais cuidava podando-as com uma tesoura especial. Numa dessas rotinas, o conselheiro

riu-se bastante quando a sua compadeira DELITA—sua netinha de três anos, disse-lhe: coitada dessa ROSA, está toda DESPICTALADA! o vovô gostou imensamente da invenção da neto, porque parecia ser uma palavra saída de sua cabeça.

Em seguida retornava o estudioso ao seu gabinete de estudos, para lá ficar horas esquecidas trabalhando sem que alguém o interrompesse, planejando como responder ou resolver os problemas de ordem jurídica que se lhe apareciam.

RUI tinha verdadeira paixão pelos livros. Não aceitava ser perturbado no gabinete de estudos, onde exigia paz completa. Seu espírito alheio a tudo, ficava absorvido no trabalho horas a fio. Detestava perder o fio da meada, achando ele, que a pior coisa a acontecer à teceloeira, é perder o fio quando a MEADA está na dobradura, não se encontra mais. Assim, quando trabalhamos ou estudamos e somos interrompidos por coisas estranhas, também perdemos o fio e às vezes não encontramos mais.

O Aguiá, de Haia, era meticoloso com suas refeições. Quando ia falar no Senado o seu almoço era apenas uma xícara de chá preto, com leite e torradas, pois costumava dizer, era melhor passar fome do que ser surpreendido por uma congestão. Apesar desse temor, habituava-se almoçar diariamente, às 11.30 horas, comendo preferencialmente conjela de galinha emopada com batatas, legumes, arroz feito na manteiga e frango a molho pardo, sendo seus pedaços prediletos, a moela, e o figado, destacando-se a ornamentação da mesa com flores frescas e bonitas de seu jardim, as quais ele admirava profundamente.

O imortal homem público, era simples, modesto, humilde e atencioso, não se excusando de cumprimentos e dialogar com os

mendigos ou menos favorecidos da sorte.

Já foi dito no início que seu BARBOSA, reservava horas à sua família, reunindo-se na sala de CONVERSAS, com a NETINHA LUCILLA (esta que hoje honra o Piauí com sua presença), a qual teve a felicidade de conhecê-lo e, com ele conviver, até os nove anos de idade.

LUCILLA contava ao vovô as travessuras do dia, perdendo o exímio chefe de família alguns minutos sentado ao lado dela, para vê-la fingir ler.

Irmã Ana Lourdes (LUCILLA), desde pequenina se mostrava inteligente e viva, aprendendo com a GINA histórias do ARCO DA VELHA, para contá-las à noite ao vovozinho. Outras vezes organizava histórias fantásticas de animalzinhos, como a dos três coelhinhos; em que um era branco, outro azul, outro vermelho, para tocar nas escutas do velho avô, que as recebia com absoluta atenção, dedicação e carinho.

Alquém já disse e, parece verdade, que "os homens são crianças crescidas". Talvez por isso mesmo, o conselheiro tinha paciência com as fantasias das meninas.

Convém pois, salientar também, algumas passagens íntimas da vida de RUI no que diz respeito a AMORES. Depois das mortes de sua honrada mãe e pai, passou ele a residir em casa de um conselheiro chamado SALUSTIANO SOUTO, solteirão, cínico, cético, em relação aos males de amor. Sentindo a angústia do jovem solitário, advogado recém formado, recebeu-lhe um casamento. Antes, havia namorado uma moça de nome BRASÍLIA, leviana, namoradeira que não se ajustaria à personalidade do grande homem, desistindo da mesma e conselhos do pai.

SOUTO o alcoviteiro promoveu uma festa em sua casa e nela fez a aproxima-

ção de Rui e Maria Augusta Viana Bandeira, que sempre se destacava como a figura mais alegre de todos os festejos realizados em casa daquele grande animador e incentivador de casamentos.

Maria Augusta, gostava das paradas de elegância. Não havia muito tempo vencera um concurso em casa de SOUTO. As mulheres tinham de ir vestidas de chita, ganhando um prêmio a mais elegante em que se destacou pela sua beleza a futura esposa do eminente constitucionalista.

O conselheiro Rui homem timido ainda tocado de tristeza pela morte de seus pais, passou a cortejar Maria Augusta, porém havia um seu rival de nome RODOLFO, advogado chegado recentemente de RECIFE, elegante, bonito, rico e na idade de casar, enquanto Rui, desajeitado, feio, pobre, embora bem vestido levava grande desvantagem perante seu rival.

Quem há de explicar o coração das mulheres?

Maria Augusta escolheu o mais feio e desengonçado, o arredio, o triste, desistindo RODOLFO—o galã. Com essa companheira casou-se em dezembro de 1876, completando assim sua vida por se tratar de uma mulher ideal, honrada, de espírito elevado e possuidora dos mais altos predicados de excelente esposa, a qual embora pobre, tudo fez para elevar seu marido aos mais altos degraus da vida.

No tocante às grande bibliotecas. Sebe-se que, desde a antiguidade nos dias que correm, não faltaram essas curiosas coleções. No tempo de SENECA o gramático EPAPRODITO possuía 30.000 livros, seguindo-se CÍCERO com uma das maiores do mundo, não ficando atrás os que lhe cercavam: ÁTICO, TIRON e PLÍNIO o moço.

No século da era cristã LAURENCIO reuniu nada menos de 35.000 livros.

Entre nós, parece que não honra biblioteca maior do que a do CONSELHEIRO CÁNDIDO OLIVEIRA que como BOULARD, mantinha casas alegadas, só para depósitos de livros.

RUI apesar de ter lutado com grandes dificuldades financeiras na vida, não ficou atrás, conseguindo deixar antes de morrer monumental biblioteca, mantendo para isso, na Europa correspondentes, incumbidos de enviarem as melhores novidades, principalmente, jurídicas. A atual biblioteca do mestre vive hoje à disposição do povo brasileiro no MUSEU—Fundação Casa de RUI BARBOSA, com sede no Rio de Janeiro.

Eis portanto uma síntese da vida do grande homem, considerado o maior dos brasileiros, que herdando no sangue os princípios LIBERAIS DE SEU PAI, exemplar chefe de família, tudo fez para manter a ordem social, a justiça, a verdade, a lei e a LIBERDADE, sacrificando sua saúde e a própria vida, morrendo de PARALÍSIA BULBAR. Rui assim, nas palavras do senador José Marcellino, foi uma NACÃO, ou melhor, foi a NACÃO BRASILHIRA, de seu tempo, deixando bases para sua expansão ou desenvolvimento, dentro de um clima fraternal, de paz e de bases sólidas tanto na área privada como na pública.

* * *

revista presença

PARTICIPAÇÃO DO PIAUÍ NA
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

alcides martins nunes

A divisão do Brasil, que se operou em 1.621, com a criação do Estado do Maranhão, abrangendo as terras do Ceará ao Amazonas, causou no território piauiense durante longo tempo, constantes conflitos de jurisdição na fronteira com a Bahia, em face da tradicional vinculação entre piauienses e baianos, através de seus rebenshos.

Embora, em 1.763, haja sido extinto aquele Estado, numa tentativa de unificar o Brasil, o Maranhão, por dificuldade de comunicação e transporte para ligação necessária entre o norte e o sul da costa brasileira, continuou sendo um Estado de fato, firmado em uma economia suficientemente desenvolvida e mantendo um comércio exterior bastante forte, especialmente com Portugal e a Inglaterra.

No desenvolvimento econômico e na manutenção das relações comerciais daquele Estado, representou o Piauí papel de maior importância com o fornecimento de gado em considerável quantidade e de algodão de boa qualidade, ao ponto de conquistar, no fim do século XVIII, a participação direta no comércio mundial através do seu porto marítimo.

Ao tempo da Independência do Brasil, era ainda fraca a ligação do Maranhão e o Rio de Janeiro, — do Norte e Sul.

Entre o Brasil e o Maranhão, havia, entretanto, uma região intermediária predisposta a exercer a aglutinação entre as duas colônias portuguesas — o Piauí, que ora pertence ao Maranhão, ora ao Brasil. (Odilon Nunes)

A LUTA

No Piauí, o movimento da Independência foi acentuadamente registrado em abril de 1.822, quando, em Oeiras, o brigadeiro Manoel de Sousa Martins, deu a sua franca adesão à causa da independência nacional, constituindo um forte Partido graças à sua popularidade, influência, fortuna e numerosa família, em geral, constituída de abastados fazendeiros prestigiados por eleitas posições locais*. (C.H. do Piauí)

Em Parnaíba, Simplicio Dias da Silva, que se tornara o maior comerciante exportador do Piauí, deu, também o seu valioso e dedicado apoio à grande causa libertária, "nada poupan- do para conseguir a liberdade do Piauí e promover a do Maranhão" (S. Dias).

Assim, os Martins, ao Sul e os Dias, ao Norte do Piauí, criaram uma situação propícia para a propaganda e implantação de nossa Independência. Entretanto, contra tal pretensão veio de Portugal para Oeiras, nomeado Comandante das Armas do Piauí,

o major João José da Cunha Fidié — «oficial de escol, ilustrado e poliglota, treinado nas lutas napoleônicas», para onde também, vieram «elementos dos mais adestrados da campanha contra Junot e Massena» (H. Coude).

Em 9 de agosto de 1822, assumiu Fidié o seu Comando para mais tarde revelar as suas qualidades de bravo militar e fazer registrar uma das maiores e mais sangrentas páginas de nossa história.

Aos 30 de setembro, chega no Piauí a notícia do «Grito do Ipiranga em Parnaíba, onze portugueses pedem a remoção do Comandante do Destacamento — primeiro Tenente Joaquim Timóteo de Brito, oficial brasileiro cumpridor dos seus deveres. Alegam que o militar não merecia confiança. A Câmara não concordou com o pedido. Os ânimos se exaltaram, e no dia 19 de outubro Simplicio Dias da Silva, Dr. João Cândido de Deus e Silva, capitão Domingos Dias da Silva, José Ferreira Meneles, Capitão Bernardo Antônio Sáaiva, escrivão Angelo da Costa Rosal, Bernardo de Freitas Caldas e o Tenente Joaquim Timóteo de Brito, entre as mais vibrantes manifestações populares aclamam Dom Pedro — Imperador do Brasil, apoiando portanto a Independência Nacional, proclamada em São Paulo no dia 7 de setembro de 1822.

O Major Fidié, tomando conhecimento do ocorrido em Parnaíba e já tendo organizado as suas tropas, inclusive, criando corpos de milícia dotado de armamentos novos, resolve marchar para o Norte à frente de mais de um milhar e meio de homens.

Sabedores da marcha, chefes do movimento da Independência vão ao Ceará em busca de recursos. Mas, o Governo maranhense, ao tomar conhecimento do fato, manda bloquear e ocupar Parnaíba.

Ao chegar Fidié naquela vila, não encontrou qualquer resistência, ao contrário, contou de logo com o apoio da força luso-maranhense de quem também recebeu reforço de material bélico. E treinando seus comandados e organizando planos de ação passou Fidié mais de dois meses em Parnaíba. Era seu desejo, conforme escrevera aos governos do Piauí e Maranhão, ir até Cachoeira ou Santo Amaro (Bahia) para abrir outra frente contra Lubatut e garantir a ocupação da «boa terras pelas forças portuguesas sob a chefia de Madeira. Mas, ainda em Parnaíba, foi informado de que no dia 24 de janeiro de 1823, o brigadeiro Manoel de Sousa Martins e outros haviam dominado a cidade, aderindo à Independência Brasileira e organizado novo governo.

Valença e Marvão já haviam também se manifestado a favor da causa, além de Crateús que já se achava em armas contra o domínio português.

Fidié poderia ter ido a Lisboa, ou mesmo a São Luís no «BRIGUE D. MIGUEL» que esteve à sua disposição, em Parnaíba. Entretanto, fez o novo em seu brio militar, preferiu regressar para, em Oeiras, reaver as posições perdidas e cumprir a sua árdua missão.

A 1º de março, próximo de Piracuruca, na legoa Jacarezé, teve a primeira resistência, embora ligeira; mas, com perdas de ambos os lados e suas grandes consequências. O ataque foi de uns 80 lusos contra 50 cavalarianos partidários de D. Pedro. Seu caminho depois foi livre, até Janipapo, a duas léguas de Campo Maior, onde se registrou forte combate. «O mais notável que se deu por ocasião da luta da Independência nas províncias do Piauí e Maranhão, teve lugar no dia 13 de março de 1823, começou entre nove e dez horas e durou até depois do meio dia. Calculou-se a perda das tropas brasileiras em 200 homens entre mortos e feridos, 542 prisioneiros, três caixas de guerra, uma peça de artilharia de calibre 3 e algumas munições. Da tropa portuguesa pereceram 16 soldados, 1 sargento, um alferez e um capitão e saíram feridos 60 homens. Além disso Fidié perdeu a sua bagagem. (C.H. do Piauí). Aproximadamente 4.000 homens participaram do combate, sendo uns 1.600 treinados e bem iniciados fílios a Portugal e os demais, quase todos, vaqueiros e lavradores, sob o comando do capitão Luís Rodrigues Chaves e do Sargentor mor Francisco Inácio Costa, sem adestramento, conduzindo, a quase totalidade, apenas velhas espingardas, fuzões ou foices.

Jenipapo é o grande marco histórico da luta pela unidade do Brasil. A batalha de Pirajá que se registrou na Bahia é a sua única rival em atos de bravura e consequências notáveis.

A 18 de março, teve Oeiras conhecimento da ocorrência em Campo Maior. Antes da Batalha do Jenipapo, já se registrava, no Maranhão, um incidente que desgostava o governo dos independentes em Oeiras; o patriota Leonardo Castelo Branco, fazendo propaganda da independência, foi traíçoeiramente preso, maltratado e transferido para Portugal.

As posições lusas e brasileiras estavam bem definidas.

Ao tenente Coronel Raimundo de Sousa Martins foi confiada a chefia de um Conselho de Oficiais para organizar um plano de ação militar contra os portugueses.

Caxias — importante vila maranhense, foi depois dominada por Fidié e sua Tropa, tornando-se assim, o maior e mais

estratégico centro de resistência contra a grande causa brasileira e uma forte ameaça, especialmente para o Piauí e o Ceará, que se tornaram em consequência, mais vigilantes e dinâmicos.

Várias expedições são organizadas para a manutenção de ordens no Piauí e segurança da libertação de Caxias. Além disso, o Governo dos Independentes do Piauí, proíbe a leva de gado para o Maranhão e faz fiscalização e defesa formada nos passageiros do Parnaíba.

A dez de abril, tropas piauienses dominaram a vila de Parnaíba e Simplicio Dias reassume o Comando das Forças Independentes no Norte e da Província. Tropas piauienses sob o comando de Raimundo de Sousa Martins, João Paulo de Moura Rego, João Gomes Caminha e penetram no sul do Maranhão e são apoiados pelos maranhenses de Pastos Bons, São José dos Míndios e outras localidades, enquanto a fronteira do Maranhão na faixa do Parnaíba, era ocupada por outras tropas do Piauí e Ceará sob o comando geral do capitão-mor José Pereira Filgueiras.

Fidié sem receber recursos para manter a sua posição, ainda resistiu quase três dias de tiroteio, entrelaçado com sua tropa no monte «Tabocas» em Caxias. Embora bem situado, mesmo tendo-se cercado pela poderosa força dos independentes, teve de capitular, demonstrando, entretanto, grande heroísmo. Após os entendimentos necessários, rendido Fidié e os seus, ocupou a vila, o Exército Libertador, no dia 1º de agosto.

Fidié preso, foi remetido para Oeiras, e de lá para o Rio de Janeiro, após a demora de quase um mês na Bahia, onde esteve guardado no Forte do Mar». (R. Girão).

Poucos dias depois, soube-se que Lord Cochrane havia dominado São Luís desde 26 de julho de 1823.

Foi árdua a participação do Piauí na Independência do Brasil. Não foi fácil. Houve em terras piauienses, inquietações, fome, lutas, sangue derramado e morticínio.

Lutamos com destemor pela unidade nacional.

Somos orgulhosos de nossa ascendência lusa e de nossa condição de brasileiros.

* * *

revista presença

ESPECIALISTA EM
GENERALIDADES

raimundo nonato leite caminha

Há algum tempo li, ou ouvi de alguém o seguinte conselho: se você quer prosperar na vida conseguindo um alto emprego que lhe dê total tranquilidade financeira, procure especializar-se.

Por exemplo, entre letras ou ciências, escolha estas. Das ciências opte pela engenharia e dentro da engenharia, prefira a mecânica. Após se graduar em mecânica, faça um curso de especialização sobre bicicletas. Depois empregue-se numa fábrica X e lá especialize-se em rodas dianteiras de bicicleta. Centralize suas atenções para um dos componentes da roda, por exemplo: o cubo de sustentação do eixo. Dédique o maior tempo possível para pesquisas a força torométrica da rosca que aperta o cubo. Determine o grau de resistência da rosca na terceira volta. Isto posto, returne a um Instituto Especializado — e existem tantos — e após quatro anos de estudos, defenda uma tese de PhD sobre: «Grau de resistência das roscas de terceira volta, em cubos de roda dianteira para bicicletas». Ai você será considerado técnico especializado. Todos seus estudos se concentrarão em cubos de roda de bicicleta. O próprio mundo se parcerá um cubo e a vida será aquela bendita folga da terceira volta que lhe deu tanto prestígio. Os salários subirão para Cr\$ 40.000,00 por mês. Você será invejado e considerado uma das maiores autoridades mundiais sobre roscas de terceira volta para cubos de roda dianteira. Deverá ganhar muitos prêmios «honoris causa».

Só que uma coisa poderá acontecer se alguém descobrir um cubo de bicicleta que não mais precise de rosca de terceira volta, você estará perdido. Viverá desempregado e passará fome. Porque prêmios «honoris causa» não batem arroz e feijão na mesa de ninguém.

É quem duvida que isto possa acontecer num mundo tão cheio de surpresas científicas?

Todo mundo sabe do desemprego em massa ocorrido entre os altos especialistas de vôos espaciais, após o corte de verbas para estes programas nos Estados Unidos. Também, tem-se conhecimento de que os sexdores de «pintos de um dia» (identificam o sexo do pinto no momento do nascimento, através de técnica altamente especializada, adquirida no Japão) estão desempregados porque a genética avícola conseguiu produzir um pinto auto-sexável pela semente. Muitos deles estão hoje trabalhando como simples tratadores de granja.

É verdade que o desenvolvimento só ocorre com a produção em massa. E esta necessita de automação que por sua vez exige o concurso de especializados. Todavia, a hiperespecialização gera homens autômatos. Seus neurônios estão programados para movimentos rápidos e precisos. Tornam-se circunspectos e raciocinam por exclusividade. O conhecimento concentrado e dirigido sobre uma reta indefinida, impossibilita-lhes ver além... ou fazer novas aquisições. Chega-se então à cadaverização do técnico.

Experimente «puxar um papo» com um especialista, abordando assunto fora de sua área.

Não se pretende com isso invocar o retorno da antiga educação humanística para resolver o impasse. Como dito, o desenvolvimento necessita de especializados. Mas nenhum país deverá se orgulhar de ser pâtria de uns tantos milhares de cadáveres fabris.

Mesmo em termos práticos, tanto maior a especialização quanto menor a oferta de empregos; ou ainda a susceptibilidade ao desemprego, dado certas contingências de crise ou da evolução da técnica.

Portanto, aqui se resumem algumas conselhos: em primeiro lugar especialize-se.

Mas, ao fazê-lo, não perca de vista os 99,99% da vida que ficam fora e acima da sua «especialização». «Perca» parte do seu tempo lendo coisas «sem interesse». Como por exemplo: um «Pato Donald» ou uma Análise Histórica da República Romana. Lembee-se que o amor, a arte, o sonho, o pecado, o recreio, as profissões dos outros — todas estas pequenas coisas fazem parte da vida. Mande os santos para o céu e os gênios para o inferno: e seja apenas um homem comum! Ou então, se pretende atender em parte às necessidades de uma região subdesenvolvida, seja um «especialista em generalidades».

Estava eu, certa tarde, à porta de minha residência, quando vi um grupo de meninos gritando e tangendo um pobre frango, que, já frópego, prestava, num derradeiro esforço, fuga aos seus algozes

Tive pena daquele miserável! Achei covardia tanta perseguidores para um pobre ser tão desvalido!

Chamei os garotos, entrei em acordo com eles e comprei-lhes o frango.

Dei-lhe o nome de vencedor.

Quando o adquiri, era feio de fazer dó: pelado, com unhas penugens avermelhadas sobre o pescoço inchado, as canelas arruxadas e o papo volumoso.

Vencedor, em pouca tempo, restabeleceu-se das malfituras que sofria dos que lhe queriam tirar a vida. O pescoço desatarrachou e cobriu-se de bonitas penas avermelhadas. As coxas engrossaram e se enfezaram também. Ele toda, enfim, parecia outro. Já podia ser olhado.

Passados uns seis meses, Vencedor era o senhor absoluto do terreiro. Tornara-se um galo robusto valente e belo. Sua raça não sei qual era. Parecia uma mistura de galo de beira e road-island.

O isto é que Vencedor era respeitado. Tinha uma particularidade interessante: não deixava que as galinhas estrejassem no terreiro para anunciarão a postura. Mal iniciavam a cantar ele corria e as fazia calar imediatamente.

Sua fama foi-se tornando conhecida.

Amigos traziam outros galos para desafiar-lo. Ele os vencia em poucos minutos. Quiseram comprá-lo, mas eu não o quis vender. Não foi para morrer de bicas, sangrando todo, que eu o havia salvo da garofada. Só o deixava lutar, porque não queria decepcionar os amigos que me tra-

ESTAMPA DA VIDA

ziam os adversários, e pediam, insistente-
mente para que deixasse ver qual o mais
valente.

Mas Vencedor foi envelhecendo. Pre-
cisei de ter outro galo no terreiro. Ele não
se conformou. A princípio, trazia o compa-
nhheiro à distância; depois, deixava-o à von-
tade pois o rival era ainda um frangote.

Vencedor era decente. Não se valia
da força que possuía para maltratá-lo. A
cansa, porém, fui-se tornando cada vez
mais difícil para Vencedor. A medida que
o adversário ia aumentando na energia ele,
colhido, via as suas diminuidas dia a dia.

Esta manhã, encontrei-o caldo no
quintal. A crista arroxada e coberta de
sangue coagulado, um olho quase perdido,
em deplorável estado físico.

Enquanto o pobre Vencedor se arca-
bava humilhado, e doente, o outro batia as
asas e soltava, bem alto, o canto da vitó-
ria.

Aquela cena produziu-me uma revol-
ta íntima. Não tive dúvida: mandei agar-
rar o intruso e fazer dele um gostoso as-
sado de panela.

Fiquei então monologando! — Quan-
tas pessoas parecidas com aquele frangote!
Querem apenas tomar pé, aprimar-se na
vida à nossa sombra e, quando menos es-
peramos, caem-nos em cima de bica das.

* * *

revista **presença**

CANCIONEIRO DO SERTÃO

noé mendes de oliveira

[folha 10v] / 19

«E no meio do silêncio fechado
o abolo fortissimo ajuda a luz
abriindo mais larguezas na solidão.

Mário de Andrade.

«Toda essa versalha
que ai ande não
vale o canto de um boizinho».

Coelho Neto.

Vaqueiro que se preza tem que abolar bonito. Luis Gonzaga diz numa de suas músicas que «O Vaqueiro do sertão/Que faz do abolo a's canções/Só tem lá em Campo Maior...». Mas, não é só em Campo Maior. O Piauí todo é povoado de vaqueiros, desde os tempos mais remotos de sua colonização. O caráter de nosso povoamento se definia pela pecuária e nosso povo é uma descendência de vaqueiros. Na solidão das fazendas, dos campos e serrados, esse tipo humano inconfundível é uma presença constante e heróica. Enquanto lobos com o gado saí a campinar a rês nas malhadas, ele canta seu abolo, compensando o silêncio do sertão encantado. Enquanto tange sua boleada pelo estradão sem fim, solta seu grito agudo e leito, excitando o gado, animando e guiando, como se aquela cantoria fosse uma apelação mágica.

O abolo se desenvolveu musicalmente em cantigas com estrofes metrificadas ou livres. Os vaqueiros cantam um repertório já tradicional, que eles chamam de «romances», quando narram uma história ou, catân, de «quadras», quando são versos musicados ou recitativos livres. A cantiga seguinte é uma das melodias mais belas que o Nordeste já criou:

Chegando o mês de novembro
Dando as primeiras chuvinhas
Reúne-se a vaqueirazinha
Em frente à casa caudada
Vaios para o campo
Que a rancheira está fechada
Ed Ed

O Vaqueiro da fazenda
É quem monta primeiro
No seu cavalo amarelo
Calçado muito leveiro
Vai para o campo pensando
Na filha do fazendeiro
Ed Ed

O Vaqueiro quando adoece
Joga seus enforcos no canto
No campo o gado herra
No cercado por ele chama
E no curral a bezerraria
Faz pena e desengano
Ei! Ei!

Minha mãe quando eu morrer
Me coloque no caixão
Não se esqueça de botar chapéu
Perucira e ghão
É pra eu brincar com São Pedro
Nas festas de apoteose
Ei! Ei!

Não se esqueça de botar
Minha sela, espada e chapéu
E o retrato do cavalo
Que se chama de Xexéu
É pra eu brincar com São Pedro
Nas vaquejadas do cão
Ei! Ei!

Muitas vezes o vaqueiro abois, juntando às modulações vocais vários recitativos inventados na hora, de acordo com as circunstâncias:

Ei! Boi
Meu marroá
Boi estrela
De estimação
Ei! Ei! ol ol...

Vambora pro currá
Que meu amo
Não brinca não
Ele vai te levá
Pro açougue
Da capitâ
Ei! Ei! ol ol...

Vai morre
Vai se acabá
Meu boi estrela
Rei do currá
Ei! Ei! ol ol...

Outras cantigas narram a vida de confeitos do vaqueiro.

Levanta de madrugada
E se dirige pro curral
Tira o leite das vacas
Escutando a voz do galo
De manhã vai ao píerio
Abajar os animais.

Traz o cavalo pra fonte
Com toda a dedicação
Ligeiro vai ao chiqueiro
Vigiar a criação
Depois solta o rebanho
Naquela vegetação

Depois sola o cavalo
Com destino a campâ
Veste seu terno de couro
Vai na tempestade vigia
Os animais da fazenda
Que possa lhe interessar

Ele encontra um companheiro
E pede informação
Dizendo me dê notícia
Onde viu o barbatão
Lá na gruta do pau fundo
No cestaleo do burilão

Entrando pela caatinga
Na pista do marceneiro
Corre alegre de garrucha
Em serra e despenhadeiro
É pesquiso o trabalho
Mas é o goato do vaqueiro

Vaqueiro sempre tem gosto
De andar bem apanhado
Era cavalo forte e gordo
Terno limpo e bem feito
De couro de veados

Quando é mês de janeiro
Se começa a vaquejada
Nos lugares suficiente
Se reúne a vaquejada
Pegando vacas de cria
E deixando encerralada
Quando é de trédezinha

O vaqueiro abola e chama
Assentado na porteira
O curral cheio de lama
E no pátio da fazenda
Escutava a bezerrama
Deixando aqui um momento
Sigo a mesma direção
Vou a Campo Maior
Assistir a reunião
Vou pra noite dos vaqueiros
Prestar minha devocão.

A poesia popular nordestina é um dos mais característicos fenômenos de nossa cultura folk. É a poesia que se afirma com grande brilho e surpreendente criatividade nos violoneiros e cantadores do sertão. O encontro desses poetas do povo é chamado de «Cantoria». São cantigas alternadas, com temas esculpidos da hora, onde se fazem perguntas e se dão respostas. Geralmente os ouvintes dão o «mote», isto é, uma rima ou uma frase que cada canteiro deve encadear nos versos improvisados. Na «Cantoria» há sempre lugar para o «Desafio», quando um cantor faz subressalir seu valor, procurando ridicularizar o cantor adversário.

A improvisação e imaginação constituem o aspecto mais característico e impressionante da Cantoria. A parte musical não é importante. É uma simples entonação retílinea, em ritmo discursivo. A função da viola também é secundária. O que conta mesmo é a forma poética, é a capacidade improvisadora e lírica.

As maneiras de cantar são tradicionais e variadíssimas, de acordo com o número de «pés» ou versos. As rimas são formadas segundo o tipo de cada forma pre-estabelecida. A Sextinha, por exemplo, compõe-se de estrofes de seis versos e é a mais comum entre os violoneiros:

Da galinha eu gosto muito
De certos peixões dela
Duas azde, duas «culecas»
Dois colhões e a tíbia
Pescoco com sobrebunda
Coração, fígão e moela.

(o violoneiro Antônio Mendes do Condado saiu com esta «mirada» quando estava contando um desafio e uma galinha chocou palmo de seu ninho e passou correndo no meio da roda).

Outra forma muito usada é o Martelo Agulopado, com versos decassílabos e rimas estabelecidas da seguinte maneira: o

1º verso rima com o 4º e 5º versos, o 2º com o 3º, o 4º com o 5º, o 7º com o 10º e o 8º rima com o 9º. Vejamos:

1. Eu fui um dia perto das Alagoas
2. Encontrei tudo em belas condições
3. Tinha cento e cincuenta embarcações
4. Entre navios, paquetes e canas
5. Na presença de mais de cem pessoas
6. Num paquete alemão eu me encontrei
7. Quando ele quiz partir eu segurei
8. Neste dia o peleado logrou fama
9. O oceano cortou, ficou tor de lama
10. E o navio só partiu quando eu soltei

1. Quando eu faço versos de beleza
2. Deixo a terra e sigo pro infinito
3. Abro a rocha e tiro todo o granito
4. Procurando os segredos da natureza
5. Tudo isto eu faço com destreza
6. Para tanto eu fui bem educado
7. Na escravidão fiz o curso de mestrado
8. Aproveitando a minha inteligência
9. Aprendi nos livros da ciência
10. A matéria de dez agalopado

O galope à Beira-Mar é outro tipo de cantoria, composta de dez versos e terminando sempre com a expressão «Beira-Mar». As rimas são as mesmas do Martelo Agalopado:

O mar se levanta com tal desespero
De longe parece uma grande serra
Engrossa a maré e vem quebrar na pedra
Chega bem depressa, volta bem ligeiro
Em tempo de inverno aparece o pampeiro
É grande o perigo pra se virjar
A tromba marítima vai se levantar
O vento se torce e o furacão
Que pega e agarra toda embarcação
E deixa escalhada na beira do mar.

São inúmeras as formas e modalidades de cantoria. As rimas e o número de versos variam de uma para outra. Eis aqui as principais:

1. Martelo: a) Agalopado
b) Alagoano
c) Simples
2. Galepes: a) A Beira-Mar
b) Alagoano

c) Em Cerrilhas

3. Mourão Caidu
4. Mourão Voltado
5. Dez em Querdão
6. Gemedizas
7. Quatro Querdão
8. Dez de Queixo Caido
9. Nove palavras por Sete
10. Dez invertido
11. Sextilha
12. Quadrilha a Beira-Mar
13. Pé Quebrado
14. Brasil Caboclu
15. Embolada

Abdias Neves escreveu um encontro memorável entre dois cantadores afamados: Bentevi e Mandapólio.

Bentevi começou:

«Eu tinha afinado as primas,
Já afinava o bordão
Quando me sain do dentro
O negro Mandapolão
Botei o juizo em Deus
Prequei a vista no chão...
Aí meu Deus, se há inferno
Este negro é que é o cão».

Mandapolão vinha chegando com a viola em punho e foi logo respondendo:

Sim senhor seu Bentevi
«Seios que sabe cantar
Porém há de responder-me
Tudo que lhe perguntar.

O outro respondeu:

O que tenho na cabeça
Neste meu fraco saber,
Pergunta que te respondo
Sou muito franco em dizer.

Mandapolão:

Sim senhor seu Bentevi
Eu sei os tudos isto o que é,
Quero que você me diga
De quem é filha a maré?

Resposta:

A maré filha das águas

As águas filha do fundo,
O fundo filho da terra
A terra filha do mundo.

Nova pergunta:

Sim senhor seu Bentevi
«Seio» que é cantadão
Quero que você me diga
Com quem a maré casou?
— A maré casou com as águas
A terra com o algodão
A canga casou com o boi
E o bot com o benefício
A mulher casou com o homem
E o homem com o seu serviço.

Outes investida de Mandopolâo:

Fica senhor seu Bentevi
«Seio» que sabe cantar
Mas, como é que o bode berro?
Sem ter tensão de berraria?
— Você vai na minha casa
Diz que vai nela passear
Eu corro nos quatro cantos
E não acho o que lhe dar.
Passo a mão em um reino
Que é para o bode matae
Entro dentro do chiqueiro
Seio com o bode amarrado
Mato o cacete no bicho
E ele sai espalhado:
Ai é que o bode berro
Sem ter tensão de berraria

Ai outro pergunta:

Sim senhor seu Bentevi
«Seio» que sabe cantar
Mas como é que o rato chia?
Sem ter tensão de chiar?
— Você faz a ratineira
Que é para o rato pegar
Bota um pedaço de queijo
Que é o ponto de enganar
O rato cheira e vai dentro
Chiou sem querer chiar
(Do Almanaque Piauiense, 1906).

Todo bom violeiro deve ter um vasto repertório de

«romances», isto é, histórias de sua autoria ou de outras. Sabe dizer versos de cantadores alamados como Inácio da Cottingneira (Paraibano) Cego Adervaldo (cearense) Zé Pretinho (piauiense) Lourenival Batista (pernambucano) e tantos outros. Muitos desses romances versais já são tradicionais em todo o Nordeste. Fazem parte do folclore literário oral, típicas reminiscências do cancionário medieval. Às vezes são historietas engracadas como esta, citada por ARTHUR PASSOS (em Folclore Piauiense, Edição Cultura, Teresina, 1965).

Sinhô rei me mandou chamar
P'eu casa com sus ba
Que tava fora dos eixos
Picando fora da tria
Eis n' dute q'uele davas
Sem usá diplomacia:
Oropu, França e Bahia,
Sótão de dez andares
Casa de cem moradias
Outras vivendas também
Dava terra de criú
Coberta de gadaria.
Enchia surrão de couro
E baú de peataria.
— «Responda!» ordena o rei.
Já com toda alteranía.

Eu secundindo a cabeça
Dizendo que não queria:
— «Artenha sus princessas,
Pos nela ninguém confia».

* * *

revista presençā

RUI BARBOSA E A ARTE

maria antónia ezevedo ribeiro

FOLHA DE S. PAULO

Na qualidade de representante das artes no Egrégio Conselho de Cultura do Estado, procurarei abordar uma das inúmeras facetas do saber multiforme de Rui Barbosa, esboçando um ensaio sobre Rui e a Arte.

Quando alguém se propõe a escrever sobre o gênio, há de fazê-lo com humildade, na certeza de que nada de novo vai acrescentar ao acervo de conhecimentos sobre sua vida e sua obra, valioso legado dos seus contemporâneos e familiares aos posteriores. Sobre ele (fica-se tentando a escrever este ELE com maiúsculas) tudo foi dito e redito. Há que abordar o assunto magnifico em tom reverente, em atitude de quem se aproxima do altar da pátria, onde se abrigam e se cultuam os sábios, os mártires e os heróis que fizeram a nossa história, e nos projetaram para a fora pelas ondas deste vasto mundo.

Mas se nada de novo há a acrescentar, nem por isto devemos calar-nos. Dizer e redizer o já salido e conhecido sobre Rui é dever que se impõe a todos os mestres, cada qual colorindo a seu modo o perfil do esteta, jurisperito, constitucionalista e sábio. Assim se reencende na lembrança dos poucos que têm tais renovações o entusiasmo, porventura prestes a se extinguir, pelas mais perfeitas manifestações de belezas da literatura pátria.

A pena nas mãos do Mestre equivalia ao escopeto de Miguel Ângelo esculpindo para a imortalidade, aos pincéis de Rafael e Da Vinci transformando telas virgens em monumentos de beleza que tempos a fio immobilizam, por frações de tempo, a quem quer que tenha no fundo da alma um mínimo de sensibilidade para contemplar extasiado os prodígios da criação humana. Ante tais monumentos de arte o sistema motor como que se paralisava, toda a energia vital concentrava-se no extase, na perplexidade que distende olhos e pupilas.

Rui, conta-nos um dos seus íntimos, Batista Pereira, não se comprazia em ser chamado artista. Artista o era, sem dúvida, mas que não se emprestasse à qualificação intenções premeditadamente maldosas e restritivas. Artista, sim, mas sobretudo um sábio, jurisperito, constitucionalista. Jamais teria sido seu intento hurilar a frase no simples intuito de expressar-lhe beleza maior, importunando-lhe mais, muito mais, o conteúdo e a mensagem. Ninguém o ultrapassaria no arranjo da oração, na disposição dos períodos, na escolha do vocabulário, na cadência do verbo, na adequação perfeita do todo. Ledor e anotador assíduo do Dicionário, a cada momento tinha à mente a palavra justa, o vocábulo exato para expressar o pensamento com justeza e propriedade absolutas. As madrugadas indormi-

da, o amor aos livros, a congênita facilidade de expressão herdada do pai a quem classificou como o maior orador que ouvira, fizram do Mestre o estilista nunca dantes e jamais superado, o orador que matinha presas aos seus lábios as multidões que o ouviam abertas horas seguidas, sem nunca decair o entusiasmo dos ouvintes, ao contrário, avultando-se num crescendo simultâneo ao ardor progressivo que o tribuna enpestaiva a palavras e gestos no decorrer do discurso. E o final era sempre um apoteose em que o humor se ultrapassava a si próprio, e a vibração contida do auditório atingia as raias do êxtase, explodindo em aplausos ensurdecedores mal se ouvia a última palavra da lição emérita, da catinária agravadora, do panfletuoso dos doutorandos, do jurisconsulto de conceito infernal.

Sua Rui era artista. Não importa o assunto, Jamais deixei a elegância lavrada do estilo, a majestade do verbo que emanava do depositário de ciência-arte que é o cérebro privilegiado do culto. Sua constante literariedade é a análise triz de fatos, homens, coisas e acontecimentos, mais acima de tudo, a ciência do direito, sobretudo os direitos dos fracos e oprimidos. Na "Oração aos Moçoses" sua prosa é muralhão de registro que alimenta vidas nas sendas calmas das florestas, farfalhar de folhas à beira marítima. É Beethoven na fa, sinfônico, magnífatico, solene, grandiloquente, dir-se-ia que num mistre cronológico o músico e o prosador houveram convivido, letit e sozinhos jorrando em cascata de beleza pura para edificação e exíto agraciado dos vindouros. Num voo da imaginação poderíam conceber que Mozart, ou Bach, tecia composta o acompanhamento musical adequado à "Pece de Natais", il ainda subbanda, que matavilha seria Vivaldi improvisando fundo musical para a tessitura filigrânica nas disputas filológicas de Rui com os gramáticos. O Chopin das "Polonaises" (mas não o romântico das "Noturnos") teria nas alcunhas patrísticas do Mestre o libertista ideal. E quando ele explode na cólera do injustificado, do justo configurado na cútida do Cristo que expulsa os templu os vendilhões, só as harmonias trombetegantes de Wagner alcançariam altitudes em consonância com o verbo inflamado.

Mas a alma do sábio não abriga o ódio, seu coração é todo ternura, sua mente demasiado ocupada é superior para alimentar paixões mesquinhais. Nele a cólera é antes uma atitude que sentimento, mas faz-se mister cultivá-la, para bater com o ferrete da ignorância os inimigos da pátria, a ignorância escondida em palavras cras, nos perdidérios dos dinheiros públicos, toda a malta de corruptos e oportunistas que pulava em torno dos governos. O verbo inflamado que lhe flue do pensamento

em palavras carentes a calcinar a maldade, a malícia, ou a celúnia, tem paralelo nas diatribes que Jeová põe na boca de Moisés para maldizer o judeu rebelde e ingrato.

O Brasil não tem prestado a Rui Barbosa o culto a que faz jus como o maior dos nossos sábios, e isto é uma das facetas do subdesenvolvimento de que vamos lento, mas seguramente, emergindo. Parece-nos que a literatura de Rui deveria ser incluída, em trechos adequadamente escolhidos, como leitura diária obrigatória em todas as classes de ensino de português do 1º e 2º ciclos das escolas do país. O professor leria o trecho escolhido, na entonação devida, explicaria o conteúdo, se fosse o caso, e ainda como dever de casa faria os discípulos memorizarem os períodos mais belos. Seria lição simultânea de literatura, som e ritmo, arte integrada a penetrar desde cedo mentes juvenis, nelas cristalizando o gosto pela beleza e arte. Melhor seria começar a prática destes ensinamentos desde o curso primário, já que a infância é a fase mais propícia para inculcar-nos cérebros em desenvolvimento, hábitos, gostos e tendências. Todos os países civilizados cultuam seus sábios, santos e heróis. Nós, que estamos vencendo o vestibular do sub-desenvolvimento, iniciemos precocemente nos educandários o culto a Rui. Estaremos prestando a mais justa das homenagens ao antepassado insigne, e ao mesmo tempo propiciando a colheita, para as mentes jovens, de frutos tão importantes quanto o gosto pelas artes, que certamente adviria da prática salutar. Nos dias de pragmatismo e imediatismo que vivemos, mais que nunca faz-se mister o ensino e a prática das artes, esplêndidos dons que o Senhor deu nos homens, derivativos insubstituíveis no corpo-a-corpo em que se transformou a luta quotidiana pelo estatus social, ou pela simples sobrevivência. Nestas encontrou-se a profilaxia das neuroses, terapêutica suave reconhecida e aplicada pela medicina moderna, evitando-as que são das ante-câmaras de hospitais em que se transformaram certos ambientes coletivos, e até mesmo lares, nos dias de hoje. Daí insistir mais, no término do nosso modesto ensaio, em nossa sugestão da inclusão obrigatória da literatura de Rui nos currículos primário e secundário, na esperança de que estes ensinamentos frutifiquem na abertura das mentes ao gozo dos prazeres espirituais de que as artes são inesgotável.

revista presençā

O MAIS LINDO BEIJO

lutz lopes sobrinho

Há o beijo de amor, maravilhoso e quente,
Que ascende as labaredas rubras da paixão!
Encontros de duas bocas,
Na voluptade carnal, em arrancadas luxurias,
Na fúria sexual, em lúbrica explosão!

Há o beijo inocente!

O beijo sem calor, inócuo, diaphiscente,
Sem perfume, sem cor, sem vibração qualquer!
É o beijo que se dá, no homem ou na mulher,
Sem sentido, banal, atua, inconsequente!

Há o beijo da hidra, o beijo da serpente,
O beijo enganador, o beijo da traição!
É o beijo da aranha, em falsos melodramas,

Envolvendo os incertos

Nas mais cruéis e desumanas tramas!
Mas o beijo mais lindo, o beijo mais sublime
Que pude contemplar, em toda minha vida,
Foi aquele eterno, maravilhoso beijo

Daquela professora agradecida,

Que, aproveitando o ensejo,

Da solene e final assinatura
Do Estatuto legal do Magistério,
Serena, resoluta, incontrolada e pura,

Rompendo a multidão

Que enchia os quatro cantos do salão,
Tomando de surpresa, (Que mistério!)
Dr. Alberto Silva, nos seus braços,
Transmite-lhe ao fremer de mil abraços,

O beijo divinal da gestidão!

Teresina, 10 de outubro de 1974

